Significação da Teoria em um Campo Diversificado [1]

Luiz C. Martino [2]
Universidade de Brasília / CNPq

Resumo
A questão da diversidade teórica (*ferment in the field,* interdisciplinaridade) tem sido tratada na literatura de epistemologia da área de comunicação como um de seus problemas centrais. O presente artigo apresenta e discute criticamente a noção de *diversidade* e tenta mostrar a relação entre a idéia de uma diversidade radical (intedisciplinaridade, niilismo, ecletismo estéril) e certas concepções da natureza da teoria. O objetivo é discutir as atuais compreensões da teoria em relação ao problema da diversidade teórica, ou como o crescimento do campo impacta a noção de teoria.

Palavras-chave: epistemologia da comunicação; teorias da comunicação; incomensurabilidade das teorias; campo da comunicação; interdisciplinaridade.

Introdução: problematizando a diversidade

A questão da diversidade tem sido intensamente discutida e talvez possa ser considerada a questão mais importante para a área de comunicação, visto que é decisiva para definir a natureza e a especificidade do saber comunicacional.

Evidentemente não estamos tratando de uma diversidade estrutural, inerente a todo e qualquer campo teórico, mas de uma diversidade que diz respeito à dificuldade de sistematização das teorias. Não é, pois, a questão da quantidade em si mesma, mas da integração das teorias a uma área de conhecimento. Tampouco devemos esperar encontrar uma coerência absoluta, uma homogeneidade ideal. Ao contrário, o que importa é gerar as condições que tornam possível a confrontação das teorias, o trabalho da diferença, garantindo assim um plano de sustentação para que o conflito de teorias possa ocorrer e ser aproveitado como fonte de conhecimento, como se dá em qualquer disciplina científica.

Sob a variedade dos nomes – interdisciplinaridade, "*ferment in the field*", pluralismo (*pluralistic champ*), fragmentação do campo – encontramos o problema das

[1] Trabalho apresentado no IV Colóquio Brasil-EUA de Ciências da Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Professor da Faculdade de Comunicação da UnB, pesquisador do CNPq, email: martino@unb.br .

correntes teóricas que compõem o campo comunicacional, sua imensa diversidade, o que traz à tona uma exuberante pletora de compreensões, métodos e abordagens muito diferentes sobre a comunicação, colocando dúvidas sobre a possibilidade da constituição de um campo teórico.

Por conseguinte, antes de qualquer outra coisa, a questão da diversidade se refere à constatação incontornável de que a área de comunicação é extremamente variada, com interface com praticamente todas as disciplinas científicas e uma matéria altamente sugestiva para a filosofia.

Mas não haveria, então, algo de paradoxal em afirmar a diversidade e ao mesmo tempo pretender colocar esta mesma diversidade como uma questão central? A profusão de abordagens possíveis não deveria nos levar a diferentes e múltiplas compreensões do que deve constituir o problema central da comunicação?

Certamente que sim, se nos colocarmos no plano do objeto de estudo, isto é, do que deve constituir a investigação em comunicação, tanto no recorte e definição do fenômeno a ser investigado, como nos próprios princípios da abordagem através da qual se constrói o objeto. Cada corrente teórica, ou cada sub-área, com a qual reunimos e classificamos as teorias, está orientada para problemas específicos, que as levam a formular e expressar de maneira própria suas questões e prioridades. No entanto, ainda que seja perfeitamente natural que cada corrente tenha suas peculiaridades, o fato mesmo de reuni-las em um conjunto, o fato de pensá-las como compreensões ou diferenças pressupõe que sejam relativas a um todo ou pelo menos a algum referente a partir do qual estas diferenças ganham sentido enquanto diferenças.

Quando afirmamos que elas pertencem ou formam um campo de estudo uma área de conhecimento, ou seja, quando dizemos que são teorias, correntes ou sub-áreas *da comunicação*, nós introduzimos o princípio mesmo que as tornam diferentes. Estabelecemos tensões entre elas, não as tratamos como produções intelectuais isoladas, mas como uma unidade, cuja significação é intrinsecamente problemática e deve ser discutida.

E aqui começamos a entrar no problema da diversidade, deixamos para traz a diversidade como uma constatação e passamos a nos perguntar o que ela representa, qual é seu significado e quais são suas conseqüências. A compreensão desse problema irá influenciar diretamente nossa maneira de representar o campo comunicacional e, por conseguinte, a maneira como compreendemos e avaliamos nossas atividades de

pesquisadores, estudiosos ou mesmo profissionais da comunicação. Daí sua importância. Não se trata de discutir objetos de estudo particulares a cada corrente teórica, mas, justamente, de tentar entender o porquê da diversidade de abordagens ou da convivência e diálogo entre estas correntes, apontando as relações entre elas. Por isso o problema talvez não apareça no interior de cada corrente teórica, porém ele se torna manifesto e incontornável à medida que lidamos com um número maior de abordagens. Ou seja, quando temos que lidar com a ampla gama de teorias que nosso campo reconhece como teorias da comunicação, não obstante o fato de que muitas delas tenham origem em outros ramos do conhecimento.

Então, dependendo da compreensão que temos sobre as teorias, o que chamamos de *campo* pode ser considerado uma unidade, no sentido forte de uma disciplina científica ou deve ser considerado, num sentido fraco, como apenas uma designação geral, exterior, um rótulo para abrigar teorias circunstancialmente reunidas, mas sem unidade epistemológica.

Vemos que a questão da composição do campo teórico como diversidade está associada e repercute sobre uma série de problemas capitais, que colocam em jogo a determinação da natureza do saber comunicação (Ciência ou outro tipo de saber? Disciplina ou campo? Saber autônomo ou rótulo para designar o encontro de várias disciplinas?). Por conseguinte, dependendo de nossa resposta, nem faria muito sentido falarmos em "teoria da comunicação", e a rigor não deveríamos usar essa expressão, já que seriam teorias de outras disciplinas (sociologia, psicologia, etc.) [3].

Algumas posições sobre o debate da diversidade da área

A diversidade teórica da área de comunicação não é apenas uma constatação ao alcance de todos, uma primeira impressão que se confirma a cada instante que lidamos com bibliografias, currículos de curso, temáticas de pesquisa ou quando participamos de congressos fortemente marcados pela dispersão e a pouca possibilidade de troca entre os interlocutores. Mas sobre tudo não deve ser vista simplesmente como algo que emerge apenas de nossa experiência imediata como integrantes de um domínio de estudos amplo e muito heterogêneo. Há também muita reflexão sobre a matéria na literatura

[3] Sobre este ponto ver nossa distinção entre teorias *da* comunicação e teorias *sobre* comunicação em "Uma Questão Prévia: Existem Teorias da Comunicação?", in Martino, Luiz C. (org.). *Teorias da Comunicação: Poucas ou Muitas?* Ateliê. São Paulo, 2007.

especializada, pelo menos desde 1983, com a publicação do célebre *Ferment in the Field* (número especial do *Journal of Communication*). De fato, trata-se de uma discussão que emerge com a própria consciência da formação de um campo de conhecimento. Por conseguinte, não basta apenas identificar o problema, temos posicionamentos que se consolidaram ao longo desses anos, os quais precisamos recuperar e integrá-los a nossa discussão [4].

De maneira esquemática podemos classificar as principais abordagens do problema da diversidade teórica a partir de duas perspectivas básicas, que por vezes se articulam: o ponto de vista institucional e o ponto de vista epistemológico.

Em relação ao primeiro, os pesquisadores dedicados ao assunto procuram destacar os fatores históricos presentes no momento da emergência do campo comunicacional. As explicações mais correntes costumam destacar a influência do contexto acadêmico (Pooley), o jogo das forças políticas atuantes naquele período, as injunções sócio-políticas na institucionalização da disciplina (Peters, 1986; Proulx, 2001; Fuentes Navarro, 2000), práticas acadêmicas (Berger, 2003)[5], circunstâncias, avaliando o peso de cada uma delas na gênese institucional do novo campo de estudo.

Também devemos considerar a abordagem da sociologia da ciência, muito em voga no assunto. Ela se apresenta como uma variante da abordagem institucional, se concentrando nos aspectos do presente, no jogo da construção dos valores acadêmicos enquanto construção e resultado da disputa dos grupos que formam as instituições. Evidentemente nem as variáveis acima mencionadas, nem as abordagens histórica ou sociológica são incompatíveis entre si, no mais das vezes muitas delas são evocadas em conjunto.

Contudo, as explicações que mais nos interessa considerar aqui são de cunho epistemológico. Com freqüência os pesquisadores costumam ressaltar a natureza

[4] Aliás, esta é uma das grandes dificuldades de nossa área, a falta de sistematização dos conhecimentos acaba transformando seus principais problemas em uma novidade perpétua, uma descoberta constantemente renovada pela sensibilidade momentânea de grupos de interlocutores. Isto significa que os pesquisadores em comunicação perdem o contato com os conhecimentos e as tradições já instituídas, de modo que não integram suas observações em um corpus de conhecimento, privando-se da articulação com esferas de um coletivo maior, que perdura no tempo como uma tradição de pensamento, como se dá com as disciplinas científicas e na filosofia.

[5] Para Berger, a grande maioria das teorias do campo comunicacional são teorias importadas de outras disciplinas. A questão seria entender por que nossa área não produz teorias. O autor destaca alguns fatores retirados da prática (ou da cultura) institucional: as *heranças históricas* (a contribuição vindas de outras disciplinas para a formação do campo), a *obsessão metodológica* (foco na metodologia e não na teoria; visão da comunicação como ciência aplicada), o *medo de arriscar-se* a produzir teorias (a preocupação com a carreira e a dificuldade de produzir teorias leva à aplicação de teorias já existentes); e a *auto-inclusão* (inserção de alunos que não estão voltados ao trabalho teórico, mas sim à prática profissional).

complexa do objeto de estudo da Comunicação. A pródiga elasticidade do campo refletiria as várias dimensões do objeto, de onde decorreriam as numerosas interfaces entre o saber comunicacional com praticamente todas as disciplinas das ciências humanas, filosofia, letras, etc. (por exemplo, BOUGNOUX, 1999).

As explicações mais correntes são aquelas que evocam a generalidade do conceito de comunicação (relação, troca, contato...). Contentam-se, muitas vezes, em testar o conceito frente a diferentes fenômenos, classificando-os como fenômenos ou processos comunicacionais. Normalmente destacam a formidável extensão do conceito, sua elástica aplicabilidade, mas nem sempre observam as diferentes transformações de seu significado. Na verdade tomam o termo "comunicação" como a unidade, e não têm mais que esta palavra como ponto comum. É fácil percebe a fragilidade epistemológica dessa forma de entender o campo: se várias classes de fenômenos podem ser designadas por um único conceito, isto não significa que necessariamente remetam a uma mesma problemática, principalmente porque muitos processos e problemas abordados no campo comunicacional têm uma melhor interlocução com outras disciplinas.

Tal compreensão do conceito de comunicação corresponde a uma confusão entre *objeto empírico* (processos, como parte do mundo) e objetos de estudo (construção teórica). Que muitos processos podem ser descritos como "comunicação" não faz deles fenômenos propriamente comunicacionais, quer dizer, fenômenos recortados e problematizados de um ponto de vista estritamente comunicacional. O corolário disto é que nem toda "relação entre pessoas" *é sociologia*, tampouco qualquer estudo sobre "subjetividade" *é psicologia* e assim por diante, de modo que não basta ser classificado como um "processo de comunicação" no sentido empírico. Porque nenhum processo (enquanto parte do mundo) pertence necessariamente a tal ou tal disciplina. Somente objetos de estudo (e não objetos empíricos) têm esta propriedade, justamente porque são recortes, abordagens, que ligam realidades empíricas a uma teoria. Um objeto de estudo não é o real em si, mas uma construção relativa a uma dada disciplina científica.

Claro que sempre será possível jogar com as palavras, reinventar nomes, de modo que boa parte da discussão sobre a diversidade teórica corre o sério risco de ser apenas um reflexo desse jogo de palavras, troca de etiquetas e de designações inventivas. Então, menos do que as designações e ao invés do compulsivo exercício de tentar enquadrar todos os processos humanos como comunicação, o que realmente importa na análise das teorias é o tipo de problema construído e efetivamente tratado,

sua sustentação epistemológica, e as tradições de pensamento com as quais efetivamente dialoga.

De outra parte, mais importante que avançar na questão da origem e das razões da diversidade da área, é preciso colocar a questão sobre sua significação, na medida mesmo que não se trata de colocar em dúvida o fato de a área ser ou não diversificada, mas de compreender as conseqüências desta dispersão teórica para os estudos de comunicação. E aqui não há muitas posições possíveis. Mas antes de analisá-las, entendamos bem a questão. O problema em jogo com a diversidade da área de comunicação não é discutir se uma área deve ou não ser plural, até mesmo porque não existe teoria no singular: toda teoria é uma possibilidade, ela está necessariamente referida à outra teoria, seja por sua origem nos conhecimentos já estabelecidos, seja porque concorre ou complementa outras. Um campo teórico pode ser sumariamente descrito como um conjunto heterogêneo de teorias e correntes, expresso por uma dinâmica de interações e confrontos (de teses, teorias) onde quase tudo pode ser colocado em questão (inclusive a própria existência), mas não sua diversidade. Então, como elemento constitutivo e mesmo como motor do conhecimento, diversidade e confronto são termos que não podem faltar sem deixar sem sentido as idéias mesmas de *campo teórico*, *disciplina cientifica* ou *área de conhecimento*. O problema surge quando tentamos entender o sentido da diversidade, tal como aparece no campo das teorias da comunicação.

Em trabalhos anteriores discutimos o estabelecimento e a evolução da questão da diversidade da área em sua relação com a possibilidade de pensar um campo comunicacional no sentido forte, ou seja, como uma disciplina das ciências humanas. Mostramos que a consolidação da comunicação como área de conhecimento trouxe a necessidade de se posicionar sobre a extensão do campo de estudos. Para a posição que chamamos de *cética*, a diversidade representa um fator francamente negativo; a dispersão teórica é um sério obstáculo à pretensão de dar um estatuto científico ao saber comunicacional (MARTINO, 2003; 2008).

Um dos argumentos mais correntes levantados contra a aproximação do saber comunicacional das ciências sociais tem sido a impossibilidade de lidar e sistematizar uma gama potencialmente infinita de teorias. Enfrentar e superar esta posição se mostrou fundamental, até porque ela se mostra muito coerente e apropriada à origem e ao estado dos conhecimentos teóricos em comunicação, majoritariamente importado de

várias disciplinas. Se o argumento é convincente, ele também traz o paradoxo de fazer da comunicação um campo inexistente, tornando simplesmente inútil e sem sentido longos anos de conquistas institucionais e algum conhecimento já acumulado. O movimento interdisciplinar nasce como uma reação a esta posição cética e vai interpretar positivamente a diversidade das teorias, a ponto de ver nela uma superação da ciência e reivindicar um estatuto epistemológico *suis generis.* A comunicação não seria nem ciência, nem filosofia, nem técnica... mas interdisciplinaridade.

Mostramos e discutimos os equívocos desses posicionamentos e sua origem comum ao aceitar sem reflexão crítica a diversidade como *fato*, sem reconhecer o sentido particular que a diversidade tomava no campo comunicacional, diferente daquele exposto mais acima, onde a diversidade aparece como constitutiva de qualquer campo de conhecimento. Abandonando e se opondo a toda e qualquer fundamentação epistemológica, a diversidade passa a ser utilizada nas lutas institucionais, elevada à condição de causa política, bandeira de luta contra a "disciplinaridade", a institucionalização da comunicação. O que deixa a porta aberta para usos equivocados, como por exemplo, servir de justificativa para a falta de rigor, para o livre trânsito dos pesquisadores e trabalhos (que não precisam mais pertencer a um determinado campo) e para uma suposta superioridade do saber comunicacional em relação à crítica, visto que teria superado todos os parâmetros de uma discussão científica. A ciência mesma aparece como algo atrasado, um estágio anterior da história do pensamento [6].

Se o ceticismo parte do *modelo do pseudo quebra-cabeças*, se ele reúne teorias e correntes que não seriam propriamente de comunicação (não foram propostas como tal), para concluir que elas "não se encaixam", não formam uma disciplina; de outro lado, a posição interdisciplinar, baseada na mesma ausência de critério do que é "teoria da comunicação", muito prodigamente aceita toda contribuição, fazendo com que a especificidade da área de comunicação seja o lugar mesmo do inespecífico.

Esta base comum nos permitiu entender a desconcertante relação e entrelaçamento das duas posições. Não raro, os autores céticos evoluíram para uma posição interdisciplinar e os autores interdisciplinares retomam os argumentos céticos, para apressadamente descartarem a possibilidade de uma aproximação do saber

[6] Craig, por exemplo, avança que nossa noção de teoria nos moldes científicos ou tradicionais, estaria "atrasada" em relação à teoria hoje praticada (2007, p. 86).

comunicacional com a ciência e inventarem uma revolução no conhecimento, mais alardeada que de fato trabalhada.

Diversidade e Teoria

Gostaríamos de analisar agora, mais detalhadamente, a resposta dada por Robert Craig ao problema que nos ocupa aqui. A posição do autor traz novos aspectos para a discussão. Seu ponto de partida são as dificuldades colocadas pela diversidade teórica, o "sincretismo estéril" que ameaça nossa área de estudos, mas também reconhece a possibilidade de uma "diversidade produtiva". Esta nomenclatura corresponde em parte ao que designamos como posição cética e posição interdisciplinar, mas com a diferença que o autor não critica, como nós o fazemos, este último posicionamento. Craig descreve a interdisciplinaridade como um duplo movimento que ocorre nas chamadas humanidades (letras, filosofia...) e nas ciências sociais, cuja convergência apagaria as fronteiras entre estes dois grandes domínios de conhecimento. Este movimento geral explicaria a diversidade teórica da área de comunicação.

Mas o interesse em sua versão reside no fato dela estar centrada na teoria. Segundo Graig, enquanto as humanidades estariam se tornando mais teóricas, as ciências sociais estariam passando por um processo coletivo no qual, segundo as palavras do autor "não sabemos mais o que é teoria". Não no sentido particular (continuamos fazendo pesquisa, portanto empregamos algum sentido de teoria), mas geral de uma perda de significação da teoria. Então, para além de movimentos institucionais, isto teria por base a própria lógica da explicação científica: "uma teoria que age ativamente na configuração do próprio fenômeno e supostamente o explica, é essencialmente não-testável e, por consequência, é irreparavelmente não-científica" (Craig, 2007, p. 91).

Desenvolvendo seu argumento, podemos dizer que as teorias constroem seu objeto, logo tanto as realidades em foco, como as teorias correspondentes *não podem ser comparadas*, já que não há base comum, elas se referem a realidades distintas.

Contudo, a idéia de que as teorias não podem ser comparadas – conhecido como o problema da *incomensurabilidade das teorias* – traz graves conseqüências à noção de campo, deixando-a sem sentido. E é aqui que o problema da diversidade se mostra crucial, pois se ela é constitutiva de qualquer campo, toda questão reside em saber em

que medida, em que condições, a diversidade ganha um sentido negativo, refletindo-se em conseqüências desagregadoras. Em nossa opinião, isto passa a ser visível quando ela significa a falta de contato ou de "diálogo" entre as teorias, ou seja, quando o campo perde suas propriedades de sistema. Neste caso as teorias deixam de trabalhar como elementos interdependentes, fazendo com que as teorias não reajam mais umas às outras e passem a evoluir isoladamente, não mais em conjunto.

Por conseguinte, se as teorias deixam de se criticar mutuamente, elas também perdem seu poder de regulação, não sendo mais possível estabelecer a concorrência entre elas e, portanto, a seleção daquelas que seriam as mais apropriadas. Ainda que seja difícil determinar com precisão o significado exato de "mais apropriada" (mais coerentes, mais simples, maior poder de explicação e integração com outras teorias, etc.), o problema é que a radicalização da diversidade nos leva à impossibilidade de qualquer base comparativa, qualquer proposição de objeto de estudo.

Trata-se de um problema delicado, pois muitos pesquisadores entendem a questão da proposição de uma disciplina ou de um objeto de estudo como uma redução, uma diminuição ilegítima, insensível e insensata, enfim, vêem como uma perda. Estes pesquisadores têm receio de abrir mão de alguma coisa, mas na verdade o que retêm é uma idéia vazia do campo de estudo.

Temos defendido que a idéia de disciplina (ou campo) é correlata à formulação de um objeto de estudo. É este último que confere unidade ao campo, como também torna significativa as diferenças no seu interior. A diversidade deve ser afirmada a partir de algo, mesmo que este algo seja uma construção artificial, uma proposição hipotética (ao lado de outras). A introdução do objeto de estudo faz com que as diferenças não sejam absolutas, que não haja um abismo entre elas. A relativização das diferenças é que torna a diversidade algo produtivo, ou simplesmente, faz de um campo de estudo o que ele é.

Assim, se o campo é entendido como radicalmente variado é porque as teorias perdem seu princípio epistemológico de crítica e comparação. Não podendo competir uma com as outras, todas são "boas", ou mais exatamente, não há como se afirmar isto. Em todo caso, todas devem ser retidas, todas têm igual valor, todas se equivalem, o que faz com que a produção do conhecimento redunde em acumulação permanente.

Craig sugere a metáfora de que o campo da comunicação se assemelha a um motel barato, onde as "teorias fazem o registro de entrada (check-in), mas nunca têm o registro de saída (check-out)", para se referir ao estéril ecletismo da teoria da comunicação (CRAIG, 1999, p. 122). Na verdade o problema não é com o "registro" das saídas, mas que as teorias não podem sair. E a razão é simples, pois nos faltariam os mecanismos de regulação, de seletividade e até mesmo critério de pertencimento ao campo. Nestas condições tudo poder ser considerado teoria da comunicação – o que de certa forma explica a diversidade da área –, ainda que também tenhamos que admitir que nenhuma teoria poderia ser classificada como tal.

Em outras palavras, as mesmas condições que nos permite considerar o campo como radicalmente diversificado também anulam o conceito de "teorias da comunicação", daí a coerência das análises de Daniel Bougnoux (1999) que considera o saber comunicacional como um sinônimo de interdisciplinaridade, e não como um campo ou disciplina. Em todo caso, a diversidade não é compatível com a idéia de "teorias da comunicação" e um campo diversificado não teria mais as propriedades de um campo, mas apenas diversidade. Voltamos ao problema do "ecletismo estéril".

Devemos acrescentar que isto também deixa sem sentido toda e qualquer solução histórica, que vise apontar tradições de pesquisa que formam o campo da comunicação. Recurso, no entanto, a que recorre Craig para dar sua solução ao problema da diversidade, propondo que o campo da comunicação teria sido formado por sete tradições (retórica, semiótica, fenomenologia, cibernética, sócio-psicológica, sócio-cultural e crítica). Não podemos substituir a questão epistemológica pela histórica, ou seja, não é possível dar a definição de algo que não se conhece contando sua história.

De outra parte, privar as teorias de seu elemento agonístico também representa a perda de seu poder de explicação. Se as teorias "explicam" realidades que existem apenas através delas, então elas não podem ser controladas por outras teorias (que evidentemente se reportariam a outras realidades). Aliás, nem podem explicar nada, sua função se reduz à descrição, mais ou menos rica, mais ou menos trabalhada, mas em todo caso estritamente uma exposição alcançada por meio da sensibilidade do autor. Todo o trabalho de uma articulação da inteligência coletiva se inviabiliza e o trabalho "teórico" se aproxima da forma do depoimento, do ensaismo subjetivo, do exercício estilístico da construção de uma paisagem pintada com as cores da sensibilidade e limitada a uma estética do momento. Nestas condições é justa a observação de Craig

que as ciências sociais se misturam com a literatura, mas por razões mais institucionais que propriamente epistemológicas, como avança o autor, ao afirmar a perda do sentido de teoria (incomensurabilidade entre elas).

Enfim, para concluir, podemos dizer que a idéia de um campo radicalmente diversificado tem levado os teóricos da comunicação a assumirem diferentes posicionamentos em relação ao campo comunicacional. A posição cética e a posição interdisciplinar tanto podem se opor como convivem com certa tranqüilidade. Se as análises de Craig nos situa no plano da natureza mesma da teoria, elas apresentam dificuldades que expõem a forma que a teoria tem sido tratada num campo considerado interdisciplinar. Em outras palavras, em um campo não sistematizável a teoria perde seu elemento agonístico e suas características fundamentais de explicação. O esvaziamento da noção mesma de teoria reforça a idéia de campo diversificado, pois na verdade é sua contrapartida.

Referências

BERELSON, Bernard. "The State of Comunication Research", in **Public Opinion Quartely**, vol. 23, n. 1 (spring, 1959), pp. 1-6. http://www.jstor.org/stable/2746418

BERGER, Charles R. "Chautauqua: Why Are There So Few Communication Theories?: communication theories and other curios, in *Communication Monographs* vol. 58, march 1991, pp.43-77. Trad. brasileira de L.C. Martino, em Martino, Luiz C. (org.) **Teorias da Comunicação: Poucas ou Muitas?** Ateliê. São Paulo, 2007.

BOSTROM, Robert; DONOHEW, Lewis. "The case for empiricism: Clarifying fundamental issues in Communication Theory", **Communication Monographs**, vol. 59, june 1992. http://www.uky.edu/Centers/HIV/Donohew%20articles/Bostrom%20et%20al.%201992.pdf.

BOUGNOUX, Daniel. **Introdução às Ciências da Comunicação**. Edusc. Bauru, 1999.

BROWN, Robert. **La Explicación en las Ciencias Sociales**. Periferia. Buenos Aires, 1972.

CRAIG, Robert T. "Discursive Origins of a Communication Discipline". Paper presented at the annual convention of the National Communication Association, Miami Beach, FL, November 21, 2003. In http://spot.colorado.edu/~craigr/NCA03%20Discursive%20Origins.doc.

CRAIG, Robert T. "Communication theory as a field". **Communication Theory**, 9(2), 1999, pp.119-161.

CRAIG, Robert T. – **"**Why are there so many communication theories?", in Journal of Communication; Summer 1993; 43, 3; pg. 26. Tradução para o português em MARTINO, Luiz C. (org.). ***Teorias da Comunicação: Poucas ou Muitas?*** Ateliê. São Paulo, 2007.

MARTINO, Luiz C. – "Panorama da Pesquisa Empírica em Comunicação", in Braga, J.L.; Lopes, Maria Immacolata V.; Martino, L. C. (orgs.) – **Pesquisa Empírica em Comunicação**. Livro da Compós 2010. Paulus. São Paulo, 2010.

MARTINO, Luiz C. – "Ceticismo e interdisciplinaridade: paradoxos e impasses da teoria da comunicação". **Revista Argentina de Comunicación** n.3, 2008.

MARTINO, Luiz C. – "Uma Questão Prévia: Existem Teorias da Comunicação?", in MARTINO, Luiz C. (org.) – **Teorias da Comunicação: Poucas ou Muitas?** Ateliê. São Paulo, 2007.

MARTINO, Luiz C. – "Ceticismo e Inteligibilidade do Saber Comunicacional", in **Galáxia: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura**, revista do PPG da PUC-SP, nº 5, abril de 2003. São Paulo: Educ. Brasília: CNPq, 2003.

FUENTES NAVARRO, Raul. "Perspectivas socioculturales postdisciplinarias en la investigation de la comunicación", in Orozco (coord.) 2000.

PETERS, John Durham. "Institutional Sources of Intellectual Poverty", **Communication Research**, 1986; 13; 527. http://crx.sagepub.com/cgi/content/abstract/13/4/527 .

PROULX, Serge – « **Usages des technologies d'information et de communication : reconsidérer le champ d'étude?**, 2001 ». Disponible: http://www.er.uqam.ca/nobel/grmnob/drupal5.1/static/textes/proulx_SFSIC2001.pdf